

MEU NOME É BEDJAI

**Sou um índio da tribo Metotire,
que vive hoje no Parque do Xingu.
Estas histórias eu contei a meu
amigo caraíba, Luigi Mamprin.
Elas falam das coisas boas
e das coisas ruins que
aconteceram com meu povo.**

Meu povo sempre brigou muito

Meu nome é Bedjai. Sou da tribo dos metotire. Ainda não tenho mulher como os meus companheiros de tribo, mesmo mais moços, apesar de ter 25 anos, como diz o Orlando, que me conhece desde menino. Ele veio à minha aldeia junto com outros caraíbas, depois de deixar muitos presentes para todos. Só não deixaram para as mulheres e por isso, quase que os homens matavam eles. Mas Orlando brincou muito e todos entenderam que ele tinha esquecido que as mulheres também devem ganhar presentes e ficaram amigos.

Quando eles vieram à nossa aldeia, estavam acompanhados por índios juruma, que brigavam muito conosco. E nós com eles. Os juruna chamam-nos de Tchukahamãe que na língua deles quer dizer "homem sem arco". Mas este é nome de antigamente, muito antigamente. Agora nós temos arcos e muitas flechas. Temos canoas também que aprendemos a fazer com os juruna que depois ficaram amigos e com os cajabis também. Quando eu não tinha nascido ainda, o meu povo não sabia tirar canoa de um pau e, quando tinha de atravessar rio, fazia balsa, que saía mais depressa. Só que era muito duro empurrar balsa pelo rio, especialmente em tempo de chuva quando os rios ficavam muito fundos e com muita água.

O meu povo brigou muito. Sempre brigou muito com todos as outras tribos porque nós gostamos de brigar. Não temos medo. Não temos medo de nada e de ninguém, porque é isso que os velhos ensinam às crianças, quando obrigam-nas a subirem pelos buritis cheios de espinhos, que arranham até sair sangue. Mas ninguém pode chorar, porque nós somos duros. Mais duros do que todos os outros povos. Não precisamos ter raiva dos outros índios para irmos para a briga: é só alguns homens resolverem ir para a guerra. Outros não sentem vontade de ir, porque preferem ficar em casa com a família.

Esses ficam e ninguém acha ruim, porque cada um de nós faz o que quer. Quer brigar, briga. Não quer brigar, pode ficar em casa com a mulher e as crianças. Contam os velhos que quando um homem ia guerrear, falava antes com um amigo que ficaria na aldeia, para que tomasse conta da mulher e das crianças. Se o guerreiro morresse na briga, o amigo casava com ela e assim tudo ficava bem. Mas se ele voltasse, ficava de novo com a mulher e sabia que tinha um amigo de verdade. Mas agora as coisas não são mais assim.

Eu já disse que meu povo sempre gostou de brigar. E nós não temos medo de morrer. Quando a gente morre, vai para o buraco e acabou. Pronto!

Sabemos brigar e ganhamos todas as brigas. Quase todas.

Havia uma tribo que morava perto da nossa aldeia que também sabia brigar. E eles sabiam uma coisa que nós não sabíamos: correr pelo mato mais rápido que macaco. Então eles vinham bem cedo de manhã ou então um pouquinho antes do anoitecer. Entravam na aldeia, matavam e fugiam pelo mato e nós não conseguimos alcançá-los para brigar de verdade. E muita gente nossa morreu. Na nossa tribo tinha um moço cujo nome era Odjiô, que ficou muito bravo porque não conseguimos encontrar esse povo para uma boa luta. Então ele pensou em preparar remédio para ficar muito forte e poder voar.

Foi sozinho para o mato e começou a procurar raízes e folhas até poder preparar o remédio que ele queria. Até que enfim conseguiu voar um pouquinho, porém muito baixo e devagar.

Assim não adiantava porque os nossos inimigos poderiam apanhá-lo mesmo voando. Fez então mais remédio ainda, juntou outras plantas e finalmente conseguiu voar a uma altura onde as bordunas, mesmo grandes, não o alcançariam. Assim os metotire ganharam muitas guerras.



Um grupo de índios metotire ajuda Orlando Vilas Boas (de pé na canoa) a atravessar uma corredeira.

Mas isso não durou muito. Um grupo de índios inimigos armou uma cilada e conseguiu pegar Odjiô pelas costas, atirando um grande número de bordunas em cima dele. Só assim conseguiram matar o nosso guerreiro mais forte.

Depois houve mais brigas, mas nós ganhamos todas, porque eles já eram poucos e matamos todos. Mas tudo isso aconteceu faz muito tempo, muito tempo, antes que nascesse o pai do meu avô. Há muito menos tempo — eu já havia ficado homem — aconteceram as coisas que vou contar agora:

Foi na minha primeira expedição com Cláudio e Orlando. A gente ia procurar uns índios que chamamos de kren-a-korore, o



que, na nossa língua, significava "homem com cabelo cortado". Nós brigávamos muito com eles e atacávamos suas aldeias para lutar. Uma vez tiramos de lá três crianças que aprenderam a viver com o meu povo. Um era homem e chamava-se Mengriri. Era muito alto, mais do que todos os índios e todos os caraíbas que eu vi. Mas mesmo assim morreu, porque de tão grande que era, queria brigar com todo mundo e por isso morreu. O meu povo ia lutar nas aldeias dos kren-a-korore, que moravam muito longe e por isso precisavam viajar muito, mais de três luas para chegar lá. Depois ▶

Depois de uma certa flechada, o metotire retira da água a capivara que irá alimentar a sua família.



Com plantas, Odjiô fez um remédio para voar

brigávamos, aí o capitão falava que tinha terminado a guerra e nós voltávamos para casa. Se um de nós morresse, a gente carregava o mais longe possível, para enterrar no mato, porque se os kren-a-korore ficassem com o morto, queimavam-no fora da aldeia e comiam sua cinza, porque assim ficariam duros que nem nós.

Tem outro caraíba junto com o Cláudio e Orlando que gosta de ouvir histórias da minha tribo, e, às vezes, eu conto meus sonhos para ele. À noite, eu chego perto da rede dele e conto:

Era uma vez um rapaz que era solteiro e morava com a mãe, que sempre falava para ele casar. Mas ele não queria casar com moça nenhuma da tribo porque ele gostava de uma estrela. E toda noite ele deitava fora da casa e olhava aquela estrela dizendo “Oh, que estrela bonita. Como eu gostaria de casar com ela”. — De tanto falar, uma noite a estrela desceu, chegou perto dele e era muito bonita mesmo. Falou à estrela: “Eu ouço você dizer que quer se casar comigo. É verdade?”

O moço ficou com um pouco de vergonha, mas depois respondeu: “Quero sim”.

Eles se casaram, mas ele não quis que a mãe soubesse, se não ela ficaria brava. Por isso, toda manhã ele escondia a mulher-estrela dentro de uma cabaça e punha em cima de um jirau bem alto para que a mãe não visse. Mesmo assim a mãe começou a perguntar com quem ele ficava falando durante a noite e também porque trazia tão pouco peixe quando ia pescar. Ela não sabia que ele tinha de dormir de dia porque ficava acordado durante a noite e por isso não podia pescar muito. Então ele, depois de pôr a estrela dentro da cabaça em cima do jirau, espalhou cinza em volta para descobrir se a mãe respeitaria a vontade dele de nunca mexer naquela cabaça. Uma tarde, ele voltou com pouco peixe e viu rastros da mãe em cima da cinza. “Por que você mexeu na minha cabaça?” — perguntou, bravo.

A mãe ficou com medo e mentiu para ele: “Não fui eu, foi o filho do nosso vizinho”.

“Mentira grande”, falou o moço

então. “Esse é rastro seu, porque mulher tem pé pequeno igual a menino, porém anda com as pontas dos pés viradas para dentro, como toda mulher. Menino, como todo homem, anda com as pontas para fora”.

Assim, a mãe soube que ele tinha casado com a estrela, que saiu da cabaça. Tinha o cabelo comprido encobrindo-lhe o rosto, mas logo cortou-o em franjinha.

O rapaz se dava muito bem com a mulher-estrela; que trabalhava muito e não falava demais. Apenas se queixava que a comida era sempre a mesma: peixe e milho. Queria ir até a aldeia dela buscar sementes das plantas que usavam lá para comer. Mas o marido, com medo de que a estrela não voltasse mais, disse que só a deixaria ir depois de ter um filho. Assim ela voltaria. A estrela parou de tomar remédio para não ter filhos e teve um — homem — muito gordo e forte.

Uma tarde ela foi com o marido caçar e, ao escurecer, subiu numa árvore alta e esguia. Ele curvou a árvore como quem curva um arco e atirou a estrela de volta para o



Canoas dos metotire descarregando à margem do rio Peixoto de Azevedo. Acima, Bedjai em 1973.

céu. Não demorou e ela estava de volta, trazendo sementes de abacaxi, amendoim, mandioca, batata, cará, banana e muitas outras plantas. E nunca mais quis voltar para a aldeia dela.

É por isso, expliquei ao meu amigo caraíba, que meu povo agora tem amendoim, mandioca, batata e muitas outras coisas.

Lembro ainda que muitos dias depois do início da expedição a gente estava perto da aldeia dos kren-a-korore. Desconfiei de que eles tivessem ido embora, porque estavam com medo. Pegaram todos os nossos presentes, mas não gostaram dos espelhos, quebraram todos ou então deixaram virados com o vidro para o chão. Não gostaram também das panelas, que encontramos amassadas. Estragaram as panelas a golpe de borduna. Panelas bonitas como aquelas minha irmã gostaria de ter.

Minha irmã se chama Kaben-ti, que na nossa língua quer dizer "pessoa que fala demais". Ela já deveria estar casada, mas acho que por causa disso ainda não casou.

Um dia, quando voltamos ao

acampamento, soubemos que os kren-a-korore tinham aparecido do outro lado do rio. Eram três, dois homens e um menino, mas foram embora. Eles largaram a aldeia e muita comida e as roças deles estão muito bonitas e quase prontas para a colheita. Mesmo assim eles foram embora.

Eu sei. Eles estão com medo e estão escondidos dentro do mato. Eu saberia achá-los, mas Orlando e Cláudio não deixam, se não ia haver briga. E nós não estamos aqui para brigar, mas para ficarmos amigos. Voltaremos outra vez depois das chuvas.

Voltamos. Estou outra vez perto do meu amigo caraíba. Ele está deitado na rede, fumando. Estamos na segunda expedição para fazer amizade com o kren-a-korore. Por isso eu não casei até agora. Gosto de viajar pelo mato, ver outros índios, caçar e pescar nos lugares onde eu nunca estive.

O meu amigo caraíba está deitado na mesma rede; ficou mais careca e tem mais cabelos brancos. Ele diz que passaram quatro anos desde a primeira expedição. Estou um pouco cansado porque estamos trabalhando para abrir um campo de pouso para que venha o avião que vai trazer comida, remédio e roupa. Estamos todos com a roupa rasgada e os "piuns" estão mordendo muito. Não quero contar histórias, mas sim o sonho que eu tive ontem à noite.

Sonhei que estava no terreiro da minha aldeia quando alguém pousou a mão no meu ombro. Quando me virei vi que era minha mãe e meu pai. Eu comecei a rir porque minha mãe morreu quando comecei a ficar homem e meu pai morreu um pouco antes do meu povo encontrar Orlando e Cláudio. Falou minha mãe: "Filho, o que é que você fez com o seu cabelo que está tão claro?"

Respondi: "Não fiz nada, mãe, foi o sol que a gente apanha no meio do campo de pouso que estamos abrindo que queimou o meu cabelo. Mas daqui a pouco terminará a expedição e passarei muito óleo no meu cabelo que ficará preto e lustroso como era antes".▷

Na guerra, no mato ou na mesa, o mesmo Mamprin

Foi ao longo de muitos meses na selva, acompanhando os irmãos Cláudio e Orlando Vilas Boas nas expedições para contatar os então misteriosos kren-a-korore, que Luigi Mamprin tornou-se amigo do índio Bedjai e ficou conhecendo sua história e suas histórias. Mamprin, nascido em Veneza há 54 anos, é capaz de passar seis meses varando o mato com a mesma naturalidade com que conversa numa roda de bom vinho e boas massas italianas. O gosto pela aventura ele aprendeu cedo. Tinha 19 anos quando a II Guerra Mundial começou. Pouco depois foi convocado para servir ao Exército de seu país, tendo de interromper a carreira de fotógrafo que começara três anos antes. Em 1943, a Itália pediu armistício aos Aliados e, na confusa situação que se seguiu, suas tropas de ocupação na Iugoslávia se viram sem comando. A maior parte delas rendeu-se aos alemães. Outra parte conseguiu escapar para a Itália. E alguns soldados preferiram unir-se aos guerrilheiros de Tito e continuar combatendo os nazistas. Entre eles estava Luigi Mamprin que, em 1945, ao terminar a guerra, já era subtenente da 13.ª Brigada Proletária, a unidade de elite do Exército de Libertação Iugoslavo. Depois voltou para a Itália e para sua profissão de fotógrafo. Chegou ao Brasil em 1949, com 200 cruzeiros (antigos) no bolso e os endereços de alguns amigos. Trabalhou em vários jornais de São Paulo e do Rio, até que em 1966, foi contratado pela Editora Abril para a equipe que lançou REALIDADE. Atualmente trabalha na revista *Quatro Rodas*.





Bedjai com seus dois amigos caraíbas, Orlando e Cláudio Vilas Boas

Se pego quem matou meu pai...

Meu pai não falou nada. Minha mãe disse: "Assim tudo estará bem". E foram embora.

O caraíba ficou tanto tempo sem falar que até pensei que ele estivesse dormindo, mas depois vi que o cachimbo dele estava aceso e que ele estava fumando. Então ele me perguntou se eu tinha ficado triste ou alegre depois desse sonho e eu achei graça da pergunta dele porque é claro que gostei muito de ter sonhado com os meus pais que há muito tempo não via. Só fiquei triste um pouquinho, porque eles foram embora muito depressa e não deu para conversar mais. Aliás, meu pai não disse nada, mas eu sei o que ele queria dizer e o que ele espera de mim.

Esta noite a lua de repente se escondeu sem que tivesse nuvens no céu. E isso para nós não é coisa boa. Amanhã vamos para a aldeia dos kren-a-korore que, eu sei, devem estar com medo de nós e da lua.

Na aldeia deles, está tudo queimado. Deixaram muita borduna de presente para nós, mas foram embora. Outra vez largaram tudo, nunca vi tanta roça. Depois que eles ganharam nossos machados

de ferro, abriram muita roça, não sei como eles iriam comer tanta comida. Mas foram embora, antes da colheita, e estão agora no mato com as mulheres e as crianças, apanhando chuva e com fome. E estão indo para o rio Telles Pires.

Coitados dos kren-a-korore. Parecem lobos. Estão fugindo de nós que queremos ficar amigos e estão indo para lá, onde vão encontrar muitos caraíbas. Alguns deles são bons, mas outros não prestam.

Como aquele que matou meu pai que estava pescando. Meu pai era grande e forte e usava um grande bodoque no lábio inferior como todos os homens da minha tribo usavam. Eu penso agora que o caraíba deve ter ficado com medo só de ver meu pai e por isso atirou mais de uma vez.

Eu cheguei a ver esse homem depois e sei o nome dele: Manoel. Ele que se cuide: — não irei à procura dele, mas se aparecer por perto, eu o matarei. É isso que meu pai espera de mim e o meu povo também.

Porque é assim que nós sempre fizemos.

Porque meu nome é Bedjai e sou da tribo dos metotire.

Para Bedjai, não existem anos nem meses. Só os dias.

Bedjai, como os outros índios, só sabe contar até quatro e sua noção de tempo é muito limitada: para ele não existem anos nem meses, mas somente dias e luas. Assim, quando o autor deste extraordinário depoimento fala de "antigamente", tanto pode estar se referindo a uma época remota, anterior ao seu nascimento, como a algum fato ocorrido há uns três ou quatro anos.

Sua tribo é a dos metotire ou Tchukahamãe (um idioma juruna), que foram pacificados por volta de 1950, pelos irmãos Vilas Boas. Ela pertence ao grupo lingüístico gê e vivia no Alto Iriri, ao nordeste de Mato Grosso. Era uma tribo seminômade, que formava e desfazia suas aldeias com freqüência. Atualmente abandonou esse hábito e vive no Parque Nacional do Xingu, com dezessete outras tribos. Os metotire são hoje cerca de trezentos. Índios muito valentes, são também respeitados como grandes cantores. Bedjai, que tem uns 25 anos, passou boa parte de sua adolescência no Posto Leonardo (centro administrativo do Parque), onde aprendeu a falar português, a dirigir o jipe do Posto e as embarcações com motor de popa. Luigi Mamprin ensinou-o também a ler e escrever um pouco. Mas nenhuma dessas coisas novas aprendidas com os "caraíbas" (brancos) tentou Bedjai a renunciar à cultura e à dignidade de seu povo. A linguagem de Bedjai — seu "estilo" — foram conservados aqui. Quase sem alterações.

